

Fernando Novaes: o fundador da moderna Ornitologia Brasileira

José Maria Cardoso da Silva¹, David C. Oren² & Maria de Fátima Cunha Lima³

¹ Conservação Internacional. Av. Nazaré 541/310, 66035-170 Belém, Pará, Brasil.

² The Nature Conservancy, South America Conservation Region, SHIN, CA-05, Conj. J, Bloco B, 3º Andar, 71503-505 Brasília, DF, Brasil.

³ Museu Paraense Emílio Goeldi, Departamento de Zoologia, Av. Perimetral 1901, 66077-530 Belém, Pará, Brasil.

Fernando da Costa Novaes nasceu em João Pessoa, Paraíba, em 6 de abril de 1927. Os pais eram paraenses. O pai, Alfredo Wilson Novaes, era funcionário do Banco do Brasil. A mãe, Joanna da Costa Novaes, era professora por formação. Fernando Novaes passou a maior parte de sua infância e mocidade na cidade do Rio de Janeiro, cuja natureza ainda intacta naquela época despertou cedo o seu profundo interesse pelos diferentes ramos da história natural. Fernando Novaes iniciou o primeiro grau no Colégio São Bento (1936), mas logo após foi transferido para o Colégio Vera Cruz (1937-1943), onde as oportunidades para praticar esportes eram maiores. O ensino médio foi feito na Moderna Associação Brasileira de Ensino (1945-1947).

Fernando Novaes decidiu que queria ser cientista e, mais precisamente, zoólogo, enquanto cursava o ensino médio. Em 1946, participou de um curso avulso de auxiliar em zoologia oferecido pela então Universidade Rural, hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Iniciava-se, portanto, nas técnicas básicas de coleta, preparação e conservação de espécimes zoológicos. No mesmo ano, ele ingressou como estagiário na Divisão de Zoologia, Seção de Ornitologia, do Museu Nacional, sob a responsabilidade de Herbert F. Berla. Um ano depois, ele já publicava o seu primeiro artigo: uma lista comentada dos espécimes de Conopophagidae existentes nas coleções daquela Instituição.

Em 1949, Fernando Novaes foi admitido no curso de Bacharelado em História Natural, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Aproveitando todas as oportunidades de aperfeiçoamento, tanto na universidade como no Museu Nacional, ele foi se entusiasmando pelos avanços da sistemática, genética e ecologia. Era a época de consolidação e ampla divulgação da “teoria sintética da evolução” e da “nova sistemática”. Foi muito influenciado pelos trabalhos de Ernst Mayr sobre sistemática e biogeografia de aves das ilhas do Pacífico e pelas conversas sobre estes tópicos que mantinha com João Moojen e José Cândido de Melo Carvalho. O entusiasmo pelas novas idéias era tão grande que ele chegou a escrever um pequeno artigo, publicado em 1950, sobre os conceitos básicos que estavam sendo adotados pela moderna sistemática zoológica. Seu interesse na época, entretanto, não se restringiu so-

mente à sistemática. O estudo das aves na natureza foi também considerado em sua formação. Em 1950, participou da expedição “João Alberto”, à ilha de Trindade, cujos resultados foram publicados em 1952. Influenciado pelos estudos modernos de ecologia de comunidades, temas das aulas do sempre influente Pierre Dansereau e das cartas trocadas com Charles Kendeigh, Novaes realizou um importante trabalho quantitativo, talvez um dos poucos publicados até hoje, sobre as comunidades de aves das restingas. Sob influência de José C. M. Carvalho, fez alguns estudos sobre a taxonomia de Analgesidae, um grupo de piolhos de pena de aves, descrevendo um novo gênero e três novas espécies.

Em 1952, Fernando Novaes terminou o seu curso de graduação e, a convite de José C. M. Carvalho, embarcou em sua primeira expedição para a Amazônia (região do rio Paru do Leste). O primeiro contato com o que seria sua principal área de estudo não foi feliz: ele contraiu malária! Em 1953, Fernando Novaes foi contratado como zoólogo pelo Museu Nacional. O ano de 1954 marcou um dos pontos mais importantes na sua carreira: o recebimento de uma bolsa da John Simon Guggenheim Memorial Foundation para estudar nos Estados Unidos. O seu projeto de pesquisa incluía tanto visitas a alguns dos principais museus norte-americanos como um longo estágio no Museum of Vertebrate Zoology, na Universidade da Califórnia, Berkeley, sob orientação do Dr. Alden H. Miller, o mais influente ornitólogo norte-americano daquela época. O objetivo principal do seu projeto era investigar com detalhes a variação geográfica e a especiação do gênero *Ramphocelus*. Nada poderia ter sido melhor naquele momento de sua carreira. Visitou o American Museum of Natural History, Nova Iorque, e manteve contato com John T. Zimmer, então envolvido no preparo dos seus minuciosos estudos sobre a taxonomia das aves do Peru. Em Berkeley, participou das animadas discussões sobre vários aspectos da ornitologia moderna com os alunos da instituição, entre os quais destacavam-se Robert K. Selander e Richard F. Johnson. Foi convidado pelo próprio Alden Miller a permanecer na instituição e cursar o doutorado. Fernando Novaes, por demais preocupado com a renovação de seu contrato com o Museu Nacional, resolveu recusar esta quase irrecusável oferta e retornou para o Brasil. O produto final de seus estudos

realizados nos Estados Unidos foi publicado em 1959 e tornou-se um dos trabalhos clássicos da ornitologia brasileira.

Em 1955, Fernando Novaes foi enviado pelo Museu Nacional ao Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a título de intercâmbio cultural. Na diretoria desta instituição encontrava-se o seu velho amigo José C. M. Carvalho. Em 1956, Fernando Novaes foi contratado como pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) e lotado no MPEG. Ao chegar, foi logo efetivado como chefe da Divisão de Zoologia da instituição. No mesmo ano também, o que demonstra a sua extraordinária capacidade de trabalho, acompanhou o famoso paleontólogo norte-americano George Gaylord Simpson, um dos colaboradores da teoria sintética da evolução, em uma grande expedição ao alto rio Juruá. Acompanhado de quem seria o seu fiel assistente por muitos anos, Miguel Mariano Moreira, fez uma série de estudos sobre a ecologia e taxonomia das aves daquela região até então muito pouco explorada. Adicionalmente, coletou insetos, peixes e mamíferos, dos quais algumas espécies eram novas. Voltando a Belém, incentivou e orientou o seu amigo Cory T. Carvalho a realizar uma série de estudos sobre a biologia de algumas das espécies de aves mais comuns nos arredores de Belém. Fernando Novaes participou somente no desenvolvimento do primeiro destes trabalhos, sobre a biologia de *Glaucis hirsuta*, que foi publicado no primeiro número do recém-reinaugurado *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série, Zoologia*.

Em 1960, Fernando Novaes resolveu deixar o MPEG. Aceitou o posto de biólogo do então Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, atualmente Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Assim, teve a oportunidade de trabalhar ao lado do maior especialista de aves brasileiras na época, o Dr. Olivério M. de Oliveira Pinto. Até 1962, quando decidiu retornar a Belém, Fernando Novaes publicou seis estudos sobre a taxonomia e variação geográfica de aves brasileiras como produto de seus estudos em São Paulo.

A partir de 1962, Fernando Novaes radicou-se definitivamente em Belém. Novamente contratado como pesquisador do MPEG, ele reativou com toda a sua força o seu antigo projeto de estabelecer, na Amazônia brasileira, uma coleção científica de aves dentro dos melhores padrões internacionais. Não foi fácil desenvolver este projeto. Teve que lutar contra dificuldades financeiras, falta constante de material e contra um clima nada adequado para a manutenção de coleções biológicas. Sobrepuxou todas estas dificuldades com inteligência e improviso. Mandou construir armários de madeira, cujo modelo ele mesmo projetou, para abrigar as coleções de peles, ninhos e ovos. Iniciou, em condições ainda precárias, a organização e expansão da coleção osteológica e da coleção de espécimes anatômicos conservados em via úmida. Estas coleções são consideradas hoje as maiores da América do Sul. Ao mesmo tempo, através de um meticuloso programa de inventário da avifauna dos vários setores da Amazônia brasileira, foi aumentando significativamente o número de espécimes e a cobertura geográfica das coleções de aves do MPEG. No âmbito deste programa, ele visitou

muitas vezes vários pontos do leste do Pará (1965-83), o rio Xingu (1958), o médio rio Negro (1967), a ilha do Marajó (1972), o Amapá (1975), o rio Aripuanã (1975), o rio Paru do Leste (1978) e o rio Trombetas (1982). Esta combinação de estudos de campo e coleções possibilitou a Fernando Novaes produzir uma série de monografias básicas sobre a avifauna de algumas destas regiões. Destas, se destacam os dois volumes da Ornitologia do Território do Amapá (1974, 1978), o trabalho detalhado sobre as aves do rio Aripuanã (1976) e o estudo sistemático e ecológico sobre as aves do alto curso do rio Paru do Leste (1980). Importante, também, é o trabalho sobre a estrutura das espécies no gênero *Pionites* (1981), onde ele mescla um estudo detalhado sobre a variação da plumagem e medidas das populações com uma interpretação biogeográfica baseada na então amplamente aceita teoria dos refúgios. Uma das obras mais importantes de Fernando Novaes é o livro, em co-autoria com Maria de Fátima Cunha Lima, intitulado "*Aves da Grande Belém – Municípios de Belém e Ananindeua. Pará*". O livro, publicado em 1998, traz uma síntese sobre as 482 espécies de aves registradas na região, com informações detalhadas sobre plumagem, medidas e biologia. A obra é ricamente ilustrada pelas pinturas de Antônio Carlos Seabra Martins.

A contribuição de Fernando Novaes à ornitologia amazônica não se restringiu somente à consolidação das importantes coleções de aves do MPEG. Ele iniciou uma série de estudos detalhados (1969-1971) sobre as comunidades de aves de florestas amazônicas, que até hoje são citados em qualquer revisão bem feita sobre o assunto. Seu trabalho sobre a avifauna das vegetações do baixo rio Guamá, realizado sob a influência de Philip H. Humphrey, é certamente um dos mais importantes destes estudos. Também de destaque é a sua tese de doutoramento *Aves de uma vegetação secundária na foz do Amazonas*, defendida em 1971 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo. Estes estudos básicos sobre comunidades de aves inspiraram ornitólogos em outras regiões brasileiras (e.g., Luiz Antônio Pedreira Gonzaga) e serviram também de base para outros estudos mais detalhados na própria Amazônia, tal como a já clássica tese de doutoramento de Thomas E. Lovejoy. Com Philip Humphrey e João Murça Pires, entre outros, Fernando Novaes lutou pela criação da "Área de Pesquisas Ecológicas do Guamá" (APEG), nos subúrbios de Belém. Nesta reserva foram posteriormente desenvolvidos vários estudos básicos sobre a ecologia dos ecossistemas amazônicos. Entre 1966 e 1970, Fernando Novaes auxiliou, como consultor, os intensivos estudos sobre as relações entre aves e arbovírus, desenvolvidos por um convênio internacional entre a Fundação Rockefeller e o Instituto Evandro Chagas. Um fato esquecido por muitas pessoas é que talvez tenha sido Fernando Novaes o primeiro ornitólogo brasileiro a utilizar anilhas de metal em seus estudos. Ele as usou em seu estudo sobre comunidades de aves na APEG (1966-67) e também no estudo sobre aves dos campos de Bragança (1968-1970).

As contribuições de Fernando Novaes à ornitologia amazônica incluem, também, seu zelo pelo acervo ornitológico da biblioteca do MPEG, um dos mais completos da



América Latina. O acervo foi iniciado por Emílio Goeldi, que comprou os trabalhos completos de Gould sobre tucanos e beija-flores, entre outros tomos de suma importância, e ampliado por Emilia Snethlage, que assegurou as coleções de alguns periódicos importantes, tais como o *Journal für Ornithologie*. Fernando Novaes deu continuidade a este esforço e ampliou o acervo de forma sistemática. Ele garantiu a manutenção das assinaturas dos mais importantes jornais internacionais de ornitologia, como *Auk*, *Wilson Bulletin*, *Alauda*, *Condor*, *Journal of Field Ornithology*, entre outros. Além disso, ele manteve o acervo de livros da instituição sempre muito bem atualizado em vários ramos do conhecimento. Fernando Novaes era reconhecido pela comunidade ornitológica mundial como um dos grandes líderes da ornitologia neotropical. Ele mantinha intenso contato e trocas de informações com todos os grandes ornitólogos do mundo. Como consequência deste intercâmbio, Fernando Novaes organizou uma extraordinária coleção particular de separatas sobre ornitologia em geral e sobre a avifauna da Amazônia brasileira. Esta coleção e suas anotações pessoais foram doadas por seus herdeiros ao MPEG e representam uma fonte inesgotável para pesquisas.

Além de desenvolver, praticamente sozinho, todo um grande projeto de investigação sobre a sistemática e ecologia de aves amazônicas, Fernando Novaes teve ainda que assumir

um grande número de postos administrativos no MPEG. Foi chefe do Departamento de Zoologia entre 1955 e 1959 e entre 1962 e 1990, respondeu pela Diretoria várias vezes (1956, 1957, 1958, 1962, 1963, 1964, 1979 e 1981), foi membro do Conselho Técnico-Científico entre 1983 e 1989, foi Editor Associado para zoologia do *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (1984-1988) e pertenceu ao Grupo Assessor do Programa Nacional de Zoologia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (1983). A sua integridade como administrador público era incontestável. Estava sempre sugerindo melhorias para consolidar os grupos de pesquisa da instituição e lutando como poucos para a melhoria da infra-estrutura para a pesquisa. Quando necessário, tornava-se um lutador valente em defesa da instituição. Um caso emblemático da grandeza de Fernando Novaes como gerente de ciência foi o seu embate com o famoso compositor Paulo Emílio Vanzolini, então Diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). Em 1987, uma coleção de aves e mamíferos foi coletada por equipes de pesquisadores do Field Museum de Chicago (FMNH), Estados Unidos, foi confiscada pelas autoridades brasileiras. A razão era simples: a equipe de pesquisadores estava sem as devidas licenças para pesquisa e coleta. Paulo Vanzolini, que havia patrocinado a expedição do FMNH fez um esforço considerável para reaver o material apreendido. Entretanto, a direção do então IBDF (hoje IBAMA) selecionou o MPEG e não o MZUSP como fiel depositário dos espécimes. Para demonstrar toda a sua raiva contra esta decisão, Paulo Vanzolini enviou uma carta a Novaes e à Diretoria do MPEG proibindo qualquer acesso dos pesquisadores do Museu Goeldi às coleções do MZUSP. A resposta de Fernando Novaes a Paulo Vanzolini constitui-se em um dos maiores exemplos de integridade e compromisso com a ciência já dados por um pesquisador brasileiro. O ofício dizia o seguinte: “Prezado Prof. Vanzolini, considerando a carta de V. Sa. ... que proíbe o ingresso de pesquisadores do MPEG às coleções do MZUSP, temos o seguinte a manifestar: **Todos os pesquisadores qualificados de todas as instituições nacionais e estrangeiras, inclusive aqueles do MZUSP, continuam a desfrutar livremente do acesso aos acervos do Departamento de Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi.** Ass: Fernando C. Novaes, Chefe DZO/MPEG”.

Fernando Novaes nunca escondeu de ninguém a sua falta de habilidade para atividades didáticas ou mesmo para a orientação de estudantes. Por isso, fica fácil entender porque ele recusou as ofertas feitas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (1964) e pela Universidade de Brasília (1965). Apesar disso, ele ainda proferiu as primeiras aulas de zoologia nos recém-criados cursos de bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Pará (1973) e foi professor de ornitologia no curso de mestrado em Zoologia da UFRJ (1982). Entre os estudantes que iniciaram o estudo de ornitologia através de sua orientação, estão, por ordem cronológica: Maria Luiza V. Marceliano, Antônio F. Cabral, José Maria Cardoso da Silva e Maria de Fátima Cunha Lima. Por sua atuação em prol do avanço da zoologia no Brasil, Fernando Novaes foi agraciado com o

Diploma de Honra ao Mérito do INPA (1978), do CNPq (1981), da Sociedade Brasileira de Zoologia (1986) e do MPEG (1986). Ele foi também honrado com a Ordem do Mérito do Grão Pará, no grau de Comendador, pelo Governo do Estado do Pará (1991). Várias espécies e subespécies de diferentes grupos de organismos foram descritas em sua homenagem.

Fernando Novaes casou-se em 1958 com Graciema Lima Novaes, falecida em 1991. Eles tiveram um filho, Sérgio Lima Novaes, que é engenheiro da Empresa Brasileira de Telecomunicações. Em 2002, casou-se com Ana Lúcia Matos Novaes. Desde a sua aposentadoria em 1997, Fernando Novaes continuava a desenvolver diariamente as suas atividades de pesquisa no MPEG. Quando possível, ele ia diariamente à instituição para ler, conversar e desenvolver suas pesquisas. Atendia de forma cordial todos os estudantes que lhe procuravam. Era uma mente inquieta, sempre em busca de novos conhecimentos e sempre disposto a conversar longamente sobre os avanços da sistemática moderna. Como um verdadeiro cientista, estava sempre aberto ao diálogo sobre as novas idéias e permitia livremente que seus estudantes e colegas desenvolvessem pesquisas que, no final das contas, iriam contrariar as suas hipóteses prediletas. Não cansava de repetir que hipóteses eram para serem rejeitadas e por isso nós não deveríamos nos apegar muito a elas. Foi muito difícil descobrir a sua tendência política. Somente após muita conversa, descobrimos que ele era admirador dos partidos de esquerda, especialmente do Partido Comunista Brasileiro (hoje Partido Popular Socialista). Fernando Novaes faleceu em Belém no dia 24 de março de 2004, cercado por seus parentes mais próximos, após um breve período de internação.

Poucas semanas depois, a direção do MPEG resolveu nomear a coleção de aves da instituição em sua homenagem.

Pelo conjunto de sua obra, Fernando Novaes deve ser considerado como o fundador da moderna ornitologia brasileira. Em várias áreas, ele foi o pioneiro e, por isso, influenciou direta ou indiretamente as novas gerações de ornitólogos brasileiros. Fernando Novaes foi o primeiro a realizar estudos quantitativos sobre comunidades de aves, o primeiro a adotar os conceitos da sistemática evolutiva para compreender os padrões de variação geográfica e especiação em aves brasileiras, o primeiro a estabelecer uma interface entre ornitologia e os ciclos de transmissão de arbovírus, o primeiro a usar anilhas para avaliar os padrões de abundância e preferências de habitat em aves brasileiras e, por fim, o primeiro a desenvolver coleções únicas de espécimes inteiros em via líquida e de esqueletos que anos depois foram tão essenciais para o desenvolvimento do estudo anatômico de aves no Brasil.

Fernando Novaes deve ser visto como um modelo para todas as gerações de cientistas brasileiros. Ele faz parte daquele seleto grupo de cientistas que optaram em comprometer o desenvolvimento pleno de suas carreiras para, de forma altruística, construir instituições fortes em lugares estratégicos. Construir e manter instituições de pesquisa em lugares afastados dos grandes centros de decisão política e econômica não é um esforço trivial em qualquer parte do mundo e exige forte liderança, extraordinária capacidade de trabalho, compromisso verdadeiro com a sociedade e visão de longo prazo. Que esta e as futuras gerações de pesquisadores brasileiros façam todo o esforço possível para manter e disseminar estes valores.